

## DIVAGUE DE MEIA NOITE

Aos meus 72 anos, dormindo, lembro de coisas do meu passado.

Uma história de amor.

Quando tinha 8 anos, uma empregada, arrumadeira, me perguntou se eu já fazia sexo.

Ao que respondi muito seriamente que sim, sem entender o que era aquilo que me estava perguntando.

Chamou-me a seu quarto, tirou a sua roupa, e no calor do seu momento, me indicou o que deveria fazer.

Toquei com o dedo, e vi uma coisa melada ali. Sem saber como atuar, sai correndo.

Como aquilo estava na minha cabeça, precisava compreender, pois não sabia o que me tinha acontecido. Por isso questionei timidamente, com minha mãe.

O resultado imediato, vocês já sabem. Levou uns tapas, sendo mandada embora.

Hoje lembrando, senti pena do acontecido a ela. Pois, compreendi que ela estava correta. Ela me amou em minha inocência, da mesma forma que um ancião ama uma menina, vendo a inocência do feminino, que Deus mandou ele amar.

Ela estava fazendo como mulher, o que Deus mandou fazer, dar o coração, o que considerava de melhor de si, a figura terna que conquistou em sua inocência, o amor do seu coração.

Vida injusta? Ou falsa moral de uma sociedade doentia? Não sei.

Más, sinto pena dela naquela situação. Acho que o sentimento dela foi válido e correto. Más, ao parecer, a sociedade humana, condena a verdade e o sentimento correto da verdadeira realidade animal humana. Em uma manada de chipanzés, nunca haveria agressão ou condena com ela.

Todos compreenderiam!

Que passa com os humanos?!

Desse ponto, minhas lembranças pousaram em uma mulher preta, madura, que era a cozinheira. Eu gostava bastante dela, más não era consciente, do porquê. Inclusive, porque nosso trato era muito pequeno.

Lembro que um dia, me disse que quando criança eu era muito louco, levado demais.

Hoje percebo, entendi o porquê eu gostava dela.

Como criança, não usava o saber dentro da minha consciência, era pura intuição, como todas as crianças. O que acontecia, era que a energia do “amor puro do seu coração” de mulher madura, irradiava, que ela me apreciava, gostava de mim.

Nesse ponto, passou pela minha mente, um filme acelerado de todas as relações amorosas que tive. Até o bendito momento em que me rebelei contra todas as mulheres, pensei somente usar nos momentos de necessidade. E assim friamente o fiz, corretamente. Más, meu coração nada sentia nesse tipo de sexo carnal. Preferi resolver sozinho meus impulsos animais nessa questão.

Isso foi até o momento, nos quais meus pensamentos, chegaram a pensar que o animal mulher, era o pior que existe.

E minha mente pousou, na minha esposa, deitada ao lado. Mulher de 45 anos, companheira há mais de 20 anos.

Entendi que mesmo sendo humilde manicure, foi a médica excepcional, que transformou meu coração endurecido em manteiga.

Foi quem me fez compreender a todas as mulheres, antes imprestáveis. Saber que elas foram em contra da própria felicidade, por desejos e insatisfações condenatórias. Todas me culpavam de tudo. Neste ponto, minha alma ri, pois, minha esposa, nesse sentido me faz rir, também parece que sou culpado de tudo.

Cada dia ao acordar, a presença da mulher incansável, trabalhando nos afazeres do dia, enche meu coração de ternura, obrigando a buscar um terno abraço.

Ela me cuida melhor que uma mãe. Protege meu corpo de 72 anos como se tivesse 8 anos.

Cuida de tudo, somente me permite fazer o que ela realmente não pode sozinha. A diferença de atitudes de todas as anteriores que conheci, é tão grande, como a distância que pode ter o diâmetro do Universo.

Ela é a dona da casa, sinto que nada me pertence, pois em seu esforço e luta diária, a admiração me transborda. Nosso corpo é a catedral construída por Deus. Nossa casa, é a igreja do corpo, onde podemos descansar e obter paz, se é que temos respeito, correção e buscamos a Deus.

Sou um objeto de minha esposa! Deixei de ser um humano! E neste momento, passo pelas vicissitudes, de minha maior felicidade. Graças a Deus na forma de mulher.

14/10/2022 Jopeu